

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1904

N.º 137

## A vaccada em Cintra

(em 14-9-904)

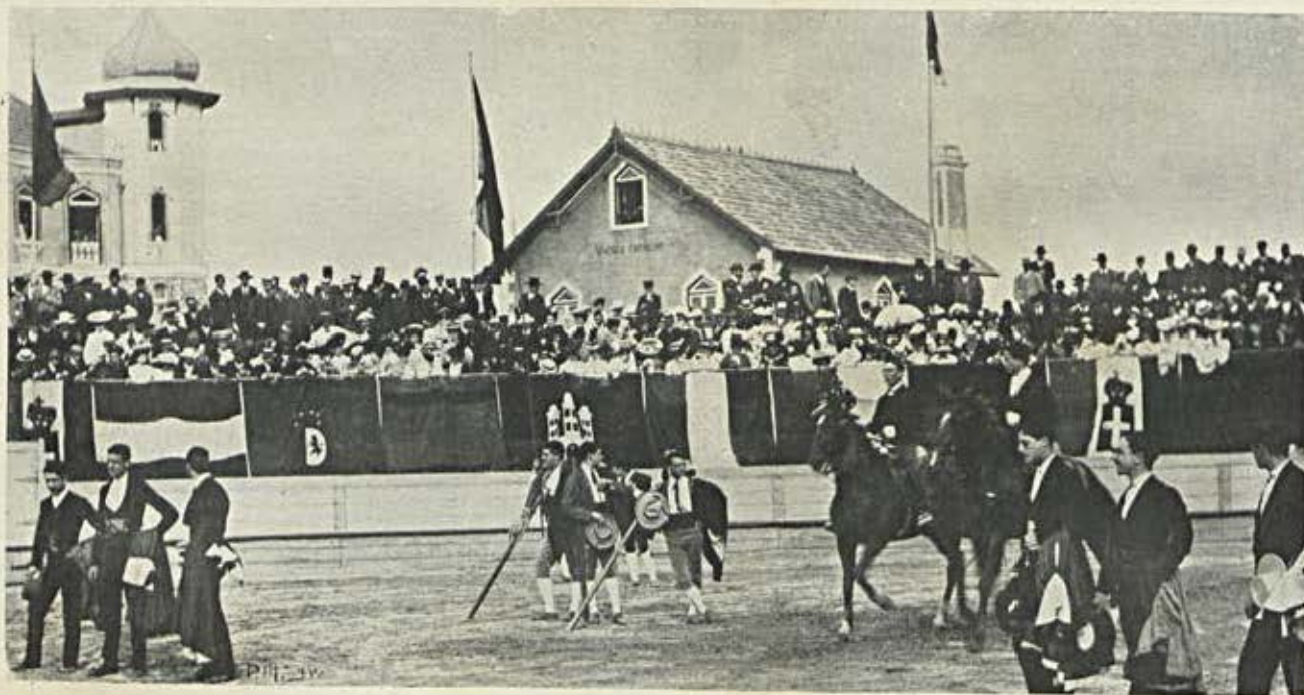


**A presidencia de honra** (da esquerda para a direita): *D. Maria de Lencastre e Tavora, D. Maria de Mello e Castro (Galveias), D. Helena Mauperrin Santos, D. Assuncion Morales de los Rios, D. Maria de Vasconcellos e Sousa (Figueiró), D. Maria Laxman de Almeida, D. Maria Isabel Castro Pereira.*



A VACCADA EM CINTRA. — Os lidadores

*Sebastião da Cunha e Silva, João Perestrello, D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Rodrigo Corrêa (Seizal), Pedro de Mello e Castro (Galecias), D. Ruy da Camara (Ribeira), João Salema, D. Carlos da Camara (Ribeira), Guilherme Bleck, Jorge Bleck, Eduardo Ferreira Pinto Basto, Eduardo Perestrello, José Bello, D. José Corrêa (Castello Novo), J. Neulisse, Rodrigo Castro Pereira, D. José de Vasconcellos e Sousa (Figueirô), D. José da Camara (Ribeira)*



(Clichés Bnollé)

A VACCADA EM CINTRA. — A praça. — As cortezas

## A VACCADA EM CINTRA

Pela gravura fixamos aqui a luzida festa do dia 14 na praça de Cintra, e damos lugar de honra, na primeira pagina, ás presidentes de honra — um grupo delicioso de portuguezas encadenadas em andaluzas.

Sob os olhares de taes juizes não houve marrada que intimidasse os lidadores. De ahí o arrojo das pégas, o brilho dos cavalleiros, o aspecto dos bandarilheiros, a elegancia nos saltos á trincheira. Muitos risos, muita alegria,

muitas commoções e nem um trambulhão. As proprias fêras receberam as investidas, muitos cheias de si, n'essa orgia de luz, de bohemia, de rebuçados e de palmas. E quando mais tarde as levaram para as lezirias iam tristes, com saudades da estroinice que apenas durou uma tarde.

Estamos antevendo, de aqui a 20 annos, este punhado de mocidades, curvado sobre o *Brasil-Portugal*, a relembrar a scena, e as suas figurinhas alegres, já então roçando pelos 40 e pela sisudez de paes de familia.

Reproduziremos por essa epocha os grupos, se antes nos não houver a terra-mãe comido os ossos.

# POLITICA INTERNACIONAL

Os successos do Extremo Oriente, occorridos durante as duas ultimas quinzenas, mais parecem pertencer ao dominio do sonho do que á realidade. O descalabro das armadas russas, embora até certo ponto previsto pelos precedentes desastres, excedeudo tudo quanto podia imaginar-se. Duas esquadras — a de Vladivostok e a de Porto Arthur — destruidas ou desmanteladas. O bloco das forças terrestres — todo o exercito russo da Mandchuria, com excepção das guarnições das duas praças maritimas — derrotado n'uma das maiores batalhas, que recorda a historia. Lyau-Yang tomado de assalto. Mukden evacuado a estas horas ou dentro em pouco, preparando-se ás suas portas nova carnificinia. E uma nova e dolorosa retirada em perspectiva para o norte, d'esta vez para Kharbin, isto é, para os confins da Mandchuria, com o inimigo no encaicho em desapiedada perseguição. Tal é o balanço do ultimo mez de campanha contra a Russia. Parece inacreditavel, e no entretanto nada mais certo. As primeiras consequencias militares d'este desastre ou antes d'esta serie de desastres sem precedentes para as armadas russas estão naturalmente indicadas — a queda inevitavel de Porto Arthur, que com a retirada de Kuropatkin para o norte perde a ultima esperanza de socorro; o investimento de Vladivostok, e a occupação da ilha de Sakhalin pelos japonezes; e com grande probabilidade o ataque contra a propria Kharbin, pois não é crível que o marechal Oyama consinta que os russos se reorganizem e se entrincheirem á vontade n'essa praça, esperando sem serem incommodados os reforços, que lhes hão de permittir tomar a offensiva. Estes factos parecem-nos altamente provaveis, como a proxima consequencia da monumental batalha de Lyau-Yang. Emquanto aos resultados remotos da victoria japoneza são elles mais difficéis de prevér com segurança, embora já se desenhem nos seus traços geraes.

Mas o que é importante sobretudo na batalha de Lyau-Yang é a sua propria significação. Por grandes e decisivas que possam ser as vantagens estrategicas alcançadas pelos japonezes em virtude d'esta victoria, os resultados moraes d'ella em muito se avantajam ao seu valor militar. Para se avaliar o que semelhante feito de armas representa, historicamente considerado, devemos reportar nos ao que ha quatro ou cinco mezes apenas a Europa inteira pensava a respeito da invasão da Mandchuria pelas tropas do Mikado.

Mesmo depois dos primeiros desastres da esquadra russa, desastres attribuidos á inexplicavel falta de vigilancia na fatidica noite de 8 de fevereiro por parte do almirante Starcke, ninguem admittia a possibilidade de poderem por terra os japonezes defrontar-se victoriosamente com os russos. Era porisso que com verdadeira curiosidade nos circulos militares europeos se aguardava o primeiro recontro, o qual segundo todas as presunções se devia verificar nas margens do Yalu, onde o exercito russo podera á vontade fortificar-se para impedir a passagem ao general Kuroki. Deu-se o primeiro combate, e contra a expectativa geral ficaram os japonezes vencedores, atravessando o Yalu e dando começo á invasão da Mandchuria, que desde então tem sido para as tropas do Japão uma serie de triumphos, embora comprados á custa de dolorosos e pesadissimos sacrificios.

Depois da victoria inicial do Yalu novos feitos de armas foram successivamente assignalando a marcha dos exercitos japonezes, cujo resultado invariavel era, apesar da incontestavel bravura dos russos, a retirada d'elles sempre diante do inimigo. E' assim que foram sendo uns após outros derrotados os generaes Zassulitch no Yalu, Keller junto ao desfiladeiro de Motiening, e Stackelberg na sangrenta batalha de Telissu, em que este general teve fóra de combate quasi um terço das suas tropas.

Mas apesar de todas estas vantagens parciais dos japonezes o grosso do exercito russo estava por assim dizer intacto, não tendo entrado o general em chefe directamente em nenhuma das batalhas até ahí feridas. Kuropatkin escolhera Liau-Yang como ponto de concentração. Fortificára esta praça para, apoiado n'ella, resistir á invasão japoneza. E durante longos mezes accumulou ahí, no sitio por elle voluntariamente preparado, formidaveis elementos de defesa.

Em taes condições, quem poderia duvidar que d'esta vez a victoria pertencesse aos russos? Pois tal não aconteceu! N'uma batalha, ou melhor n'uma serie de batalhas, que duraram perto de dez dias, e que na historia só encontram paralelo, mas excedendo a, na famosa batalha de Leipzig, na «batalha das nações», como ficou sendo chamada, foi derrotado com graves perdas o generalissimo russo, foi tomada a cidade de Lyau-Yang depois de uma das mais espantosas carnificinias, que registra a historia, e foi obrigado a retirar para Mukden o exercito moscovit, onde já o está perseguindo de novo o exercito japonês!

Não são conhecidos ainda todos os pormenores d'esta batalha colossal, e naturalmente só muito tarde o serão, se é que alguma vez a Europa tem de vir a saber a historia verdadeira e completa dos horrores, que na Mandchuria se estão passando actualmente, para vergonha da pseudo-civilização de que tanto, mas com tão pouca razão, nos orgulhamos.

Do que se tem conhecimento, porém, póde desde já suspeitar-se qual a importancia do acontecimento. A batalha de Lyau-Yang ficará sendo uma das grandes batalhas historicas, que têm marcado na vida da humanidade o inicio de novos tempos. D'ella podera dizer Kuropatkin, e ainda com mais razão, o que Gustavo Adolpho exclamou ao

cair ferido de morte na batalha de Lützen: *à d'autres le monde!*... E' com effeito a significação do titanico combate.

O mundo (o oriental pelo menos) vai pertencer a outros. Um novo poder se levanta no Extremo Oriente, destinado a substituir ali o dominio das nações da Europa. E este poder, cuja força todos sem excepção desconheciam, apresenta-se de tal maneira armado para a lucta, que se nos afigura baldada qualquer resistencia contra a sua expansão. E' uma revolução das de mais transcendentales consequencias, a que se está realisando á nossa vista. E não só revolução politica, mas social e até scientifica.

Onde está, com effeito, a estas horas o dogma da superioridade indiscutivel das raças europeas, quando nós assistimos á estupenda manifestação do adiantamento do povo japonês?

E onde está o não menos indiscutivel lema da irremediavel decadencia dos povos orientaes, quando nós estamos contemplando, ainda mal acordados do nosso assombro, o levantamento tão inesperado de um d'esses povos?

E não se diga que os actuaes progressos do Japão pouco valem relativamente, porisso que se realisam sobretudo no campo militar, onde melhor pódem conciliar-se grandes adiantamentos com um real atraso de civilização. Os progressos na arte da guerra, como o Japão os está patentecendo, tem forçosamente de fazer suppôr uma evolução parallelá nos outros ramos da actividade nacional.

Além d'isso directamente e n'outras direcções temos provas não menos concludentes d'esse progredir.

Para a Europa o reconhecer foi, porém, necessario que elle tão estrondosamente se afirmasse nos campos de batalha. As chancellarias das grandes potencias, que n'esta questão do Extremo Oriente tem dado prova da mais supina ignorancia e da mais desastrada inhabilidade, só agora é que perceberam que o Japão é um poder com o qual, de bom ou máo grado, se torna forçoso contar.

De todas as chancellarias, no entretanto, nenhuma mais cruelmente se illudio do que a russa. Custa a acreditar como o governo do tsar, tão especialmente interessado em todos os assumptos do Extremo Oriente e em particular nos que diziam respeito ao Japão, ignorasse a tal ponto o que em Tokio se pensava e mais ainda o que ali se fazia, porque não podiam permanecer escondidos os enormes preparativos, que para a guerra se estavam realisando. Não tinha o tsar uma embaixada na capital japoneza? E não tinha essa embaixada addidos militares e navaes, que soubessem vér o que em torno d'elles se passava?

Exercitos, como os que o Japão está mandando para a Mandchuria, esquadras como as que pôz em linha de combate logo ao romper das hostilidades, serviço de administração militar, como esse que está causando o espanto do mundo, não se improvisam de um dia para o outro, nem se levam a semelhante perfeição, sem um trabalho persistente de muitos annos, sem uma actividade incansavel e febril durante largo tempo concentrada para o mesmo fim. E nunca viram esse trabalho, e nunca notaram essa actividade os diplomatas russos acreditados junto do Mikado? E se viram, e se notaram o que contra a Russia se preparava, não o fizeram saber ao governo de S. Petersburgo? Custa a acreditar... Em todo o caso o dilema impõe-se esmagador para as respectivas responsabilidades: ou a diplomacia russa foi de uma lamentavel incompetencia, não informando por não saber o governo do tsar da importancia real do poderio militar do Japão, ou o governo de S. Petersburgo desprezou os avisos do seu embaixador em Tokio e entrou de coração leve n'um conflicto, cujas consequencias não pode medir, e cujo fim não se sabe ainda que surpresas reservará.

Ha no entretanto e desde já apurada uma grande responsabilidade pelo menos. E' a do almirante Alexeiev.

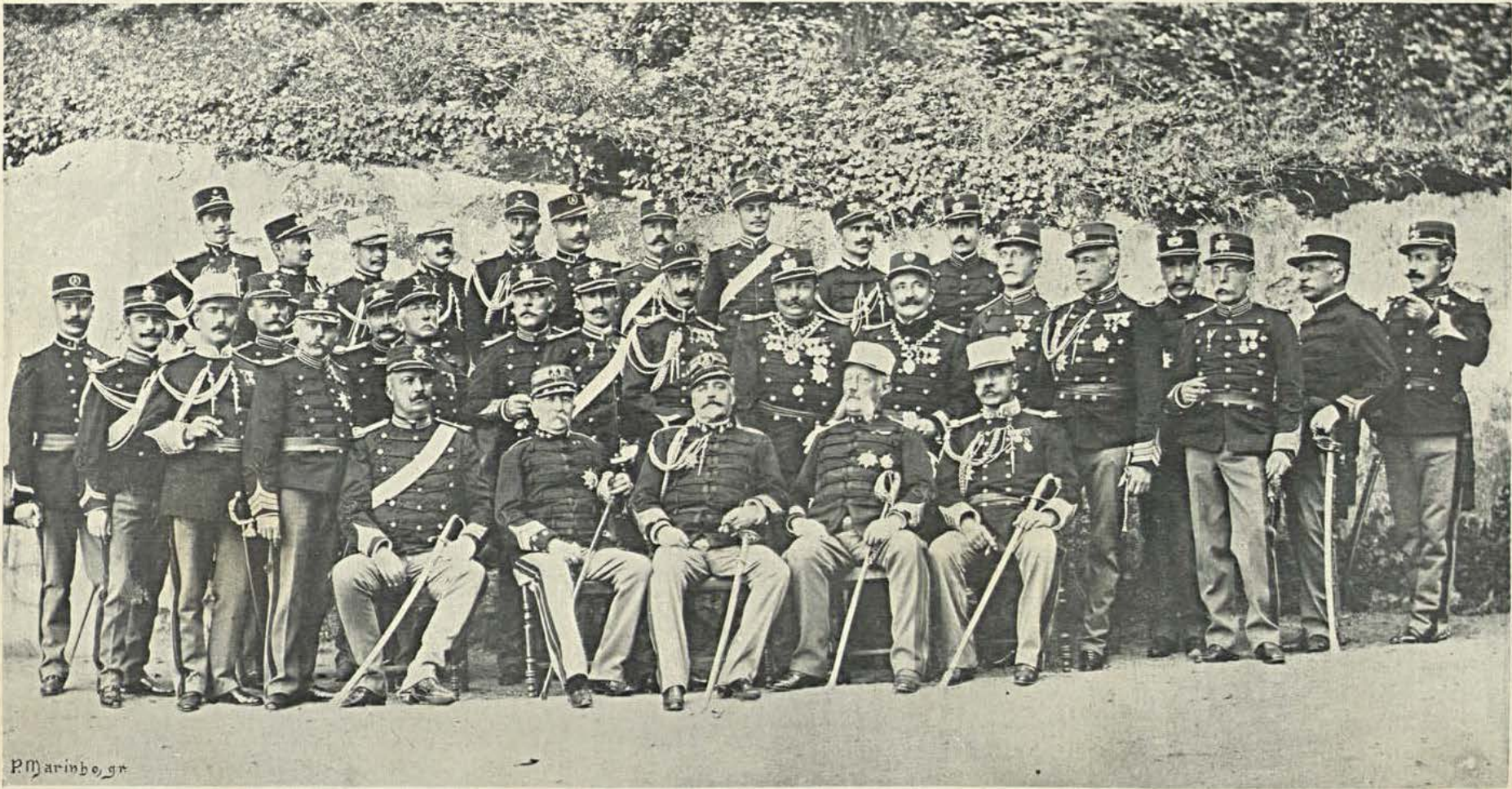
Nomeado vice-rei das possessões russas do Extremo Oriente, diziam-n'o o homem mais conhecedor no imperio das condições politicas e sociaes da China e do Japão. Foi por esse motivo mesmo que o tsar o teria investido em tão alto cargo, segundo se afirma.

Ora está bem na memoria de todos a maneira como o representante do tsar na Mandchuria, pondo de parte toda a prudencia e toda a reserva, que lhe deviam ser aconselhadas pela sua alta posição, procurou irritar o amor proprio dos japonezes e tornar difficil senão impossivel um accordo entre as duas nações.

O jornal *Novyi Krai*, que se publicava em Porto Arthur e de que elle era o inspirador, o redactor, póde dizer-se, contribuiu mais do que tudo para tornar inevitavel o rompimento. E ao passo, que assim ia impellido a Russia para a guerra, ignorava Alexeiev absolutamente o que era e o que valia o adversario, que tão levemente estava provocando. Póde imaginar-se mais dementada cegueira? Se hoje a Russia se vê involvida n'uma terrivel lucta, que já tanto sangue e tanto dinheiro lhe tem custado, e que novos e immensos sacrificios terá por ventura ainda de pedir-lhe, agradeça-o em grande parte ao vice-rei do Extremo Oriente, que com a sua infatuada ignorancia foi o principal auctor da funebre tragedia que se está representando na Mandchuria.

CONSIGLIERI PEDROSO.

# NA PENA



Ministro da Guerra e officaes que tomaram parte nas manobras do Bussaco depois do almoço que lhes foi offerecido por El-Rei, em 14-9-904

Da esquerda para a direita. 1.<sup>a</sup> fila: — coronel Mousinho — general Lencastre — Ministro da guerra — general Pinheiro — coronel Ribeiro.  
2.<sup>a</sup> fila: — capitão Pina — tenente Mendonça — major Mattos Cordeiro — coronel Costa — coronel Vasconcellos — coronel Faria Pereira — coronel Azevedo — coronel Monteiro — tenente coronel Pereira d'Amorim — capitão João d'Oliveira — major Sarsfield — tenente coronel Menezes — coronel Lacueva — coronel Sousa Machado — tenente coronel Bastos — coronel Avila Pereira — tenente coronel Trindade — tenente coronel Sobral.  
3.<sup>a</sup> fila: — tenente Roberto Baptista — capitão Cruz e Sousa — capitão Bastos — tenente Freiria — tenente Miranda — capitão Alcares — capitão Salema — alferes D. Nuno Noronha — tenente Almeida — tenente Marques.

# Hospital Portuguez de Beneficencia em Pernambuco



Antigo edificio, installado em 16-9-1855



João Raposo de Sousa  
*Procedor*



Albino Neves de Andrade  
*Vice-Procedor*



M. Carmo Almeida  
*1.º Secretario*



J. P. Ferreira Alves  
*2.º Secretario*



João Barbosa Vianna Nunes  
*Exmoler*



Novo edificio central, inaugurado em 16-9-904

## Hospital Portuguez de Beneficencia

### EM PERNAMBUCO

A 16 de setembro de 1855 installou-se em Pernambuco o Hospital Portuguez de Beneficencia, do qual damos hoje duas vistas e os retratos dos membros da junta administrativa.

Quando se fundou o hospital assolava a cidade do Recife, capital de Pernambuco, o terrivel *cholera morbus*, que tantos estragos ocasionaram. A creação, pois, d'este estabelecimento hospitalar foi um auxilio providencial aos innumerables portuguezes pobres, dos quaes muitos morriam quasi por falta de recursos medicos. O Hospital Portuguez é hoje um estabelecimento que honra a colonia portugueza d'aquella cidade. Presta humanitarios servicos. Tem quatro enfermarias permanentes funcionando e uma elegante capella sob a invocação de S. João de Deus, padroeiro do estabelecimento.

O servico clinico é feito por tres medicos que visitam diariamente os doentes do hospital, sendo um para clinica medica, outro cirurgica e outro para doenças dos olhos.

O hospital está situado em um espaçoso sitio no lugar Cajueiro, do bairro da Magdalena, e possui hoje um patrimonio de cerca de quinhentos contos de réis. A junta administrativa actual, que começou as obras do hospital em setembro do anno passado e foi reeleita para concluil as, é composta dos seguintes nomes:

Provedor — João Raposo de Sousa.

Vice — Albino Neves de Andrade.

1.º Secretario — Manuel do Carmo Almeida.

2.º dito — José de Paiva Ferreira Alves.

Esmoler — João Barbosa Vianna Nunes.

Mordomos: José Ferreira Dourado — Antonio Azevedo dos Santos — Francisco Manuel da Silva — Manuel Almeida Alves de Brito — Caetano da Silva Prezado — José Antonio da Costa Fernandes — Joaquim Lima de Amorim — Antonio Rodrigues Azevedo Machado — José de Miranda Lima — Antonio Pinto da Silva — José Lourenço Gomes Braga — Adelino Ramos Cruz — Manuel da Silva Mações — Manuel Simões dos Santos da Figueira — Antonio Ribeiro de Sousa Mendes — Alberico Carvalho Silva Rodrigues — Alfredo de Mattos Pinto Coelho — José Dantas da Gama.

Commissão de contas: Comendador José Maria de Andrade — Comendador Luiz Duprat — José Ferreira Lopes.

## Quid obscurum

I

O Espirito impassivel que eu almejo  
Dentro em meus sonhos tenebroso e mudo,  
Quando o contemplo, quando o ôlho e estudo,  
Não sei a que amarguras o cotejo.

Anda comigo sempre e sempre o vejo  
Como uma sombra torvo e carrancudo;  
Respira lhe no porte, como em tudo,  
A vaga nostalgia d'um desejo.

Revolto-me com elle e não se esconde,  
Se quero fustigal-o, não se queixa,  
Fallo-lhe sempre e nunca me responde;

Nasceu comigo e dentro em si me fecha;  
E' sombra que me veio não sei d'onde,  
E um espectro cruel que não me deixa.

II

Quantas vezes no horror d'esta vertigem  
Em que se engolfa a minha pobre mente,  
Pergunto em vão desconsoladamente,  
Qual foi o seu principio, a sua origem.

Quaes são as suas leis, que me dirigem  
A' inconsciencia, á escuridão latente?  
D'onde nasceram que ao meu peito algente  
Tanta saudade e tanta dôr exigem?

D'onde? Não sei! mas no entretanto é certo  
Que ao despontar da força que me impulsa  
Já eu sentia o seu olhar incerto.

Bussola triste d'esta triste sorte,  
Não me amedronta essa feição convulsa,  
Sejas embora a projecção da Morte!

ALBERTO BRAMÃO.

# AINDA AS MANOBRAS DO BUSSACO



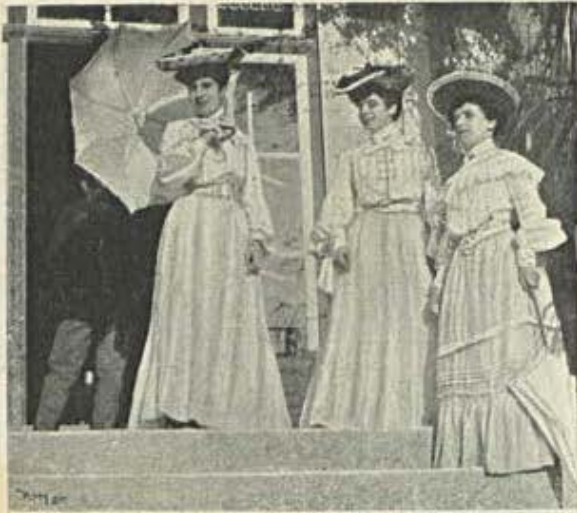
No alto de Sulla — *El-Rei e Rainha Senhora D. Amélia*



No alto de Vallongo — *El-Rei — Infante D. Afonso — Ministro da Guerra e grupos de officiaes*



No alto de Sulla — No 2.º plano: *S. M. a Rainha, sentada, e Jayme de Castro* — No 1.º plano: *Capitão Santa Clara  
Capitão João d'Oliveira — Major Sarsfield — General conde de Bomfim — Príncipe Real — Coronel Rodrigues Ribeiro — Major Guerreiro  
Major Waddington — Tenente-coronel Alfredo Albuquerque*



Bussaco — A porta do restaurante da Matta

## Smorzando...

Arde ao longe com vivos tons radiosos,  
Sendo núcleo d'um rubro alastramento,  
O sol nos horizontes espaçosos,  
Cheio de mágua brusca e desalento.

Desmaia de pallôr o firmamento  
Por já não ter affagos luminosos...  
Ao céu subindo vão a passo lento  
Os esquadrões dos astros tenebrosos.

Fulguram fortemente incendiados  
Os cimes das montanhas, os telhados,  
Emquanto sombras rojam pelo chão.

Mas em breve a luz cansa, agonizando.  
E a noite, negros braços dilatando,  
Estende sobre a terra a cerração.

J. J. FÓRRES COSTA.

Bussaco — Coronel Gonçes — Tenente-coronel Alfredo Albuquerque — Major Waddington  
Tenentes João d'Almeida, David Rodrigues e Marquez — Alferes Marquez de Bellas, D. Nuno Puraty, Carvalho'e Veiga

## JUANITA

Oh! salerosa, ó languida Juanita!...  
Espera! espera um pouco!  
Como esse teu olhar me torna louco!  
Como é suave a tua graça inf'nita!

Como te fica bem essa mantilha!  
Mal imaginas tu como eu te quero!  
Que graça filha!  
Ai que salero!

Quando eu te escuto, amor, ó lyrio santo,  
Uma canção vibrando pelo espaço,  
Torno-me lonco,  
Curvo e levanto  
Meu corpo lasso.

Quando tu passas, meu amor, risonha,  
En danço no meu quarto d'estudante!...  
Ai que vergonha.  
Se me visses bailar n'aquelle instante!

Julgo apertar de encontro ao coração  
A tua forma escultural e lassa!  
Como te quero!...  
Filha da graça  
E do Salero!

Quando tu passas n'um requiebro doce  
Lançando um fino aroma de violeta,  
Rufo nos vidros  
Como as fossas  
Na pandereta...

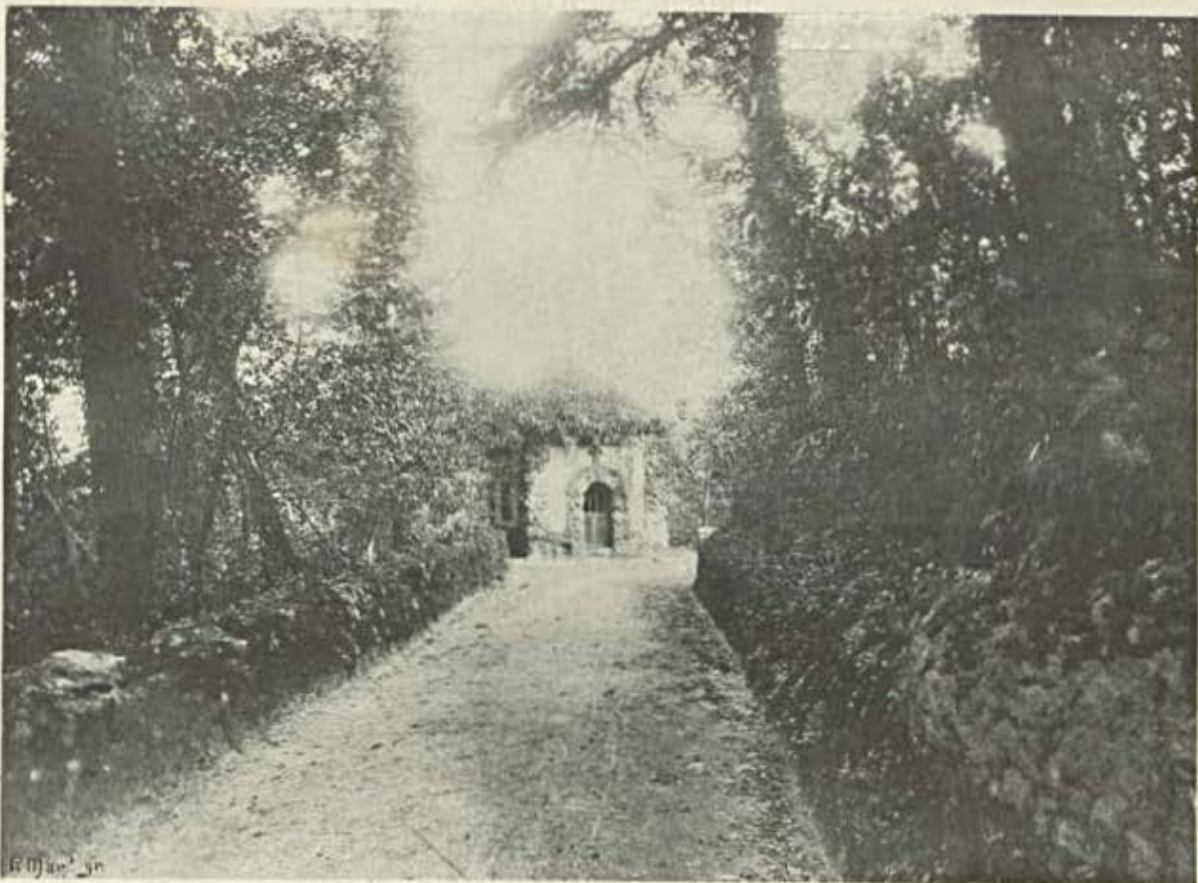
E quando foge tão serena e calma,  
Um manto negro como os seus cabellos,  
N'um vago adejo,  
Cobre-me a alma,  
Foge-me a vida e casm-me os castellos.  
Das illusões que eu sonho quando a vejo...

(Das Silvestres.)

VIDAL OUDINOT.

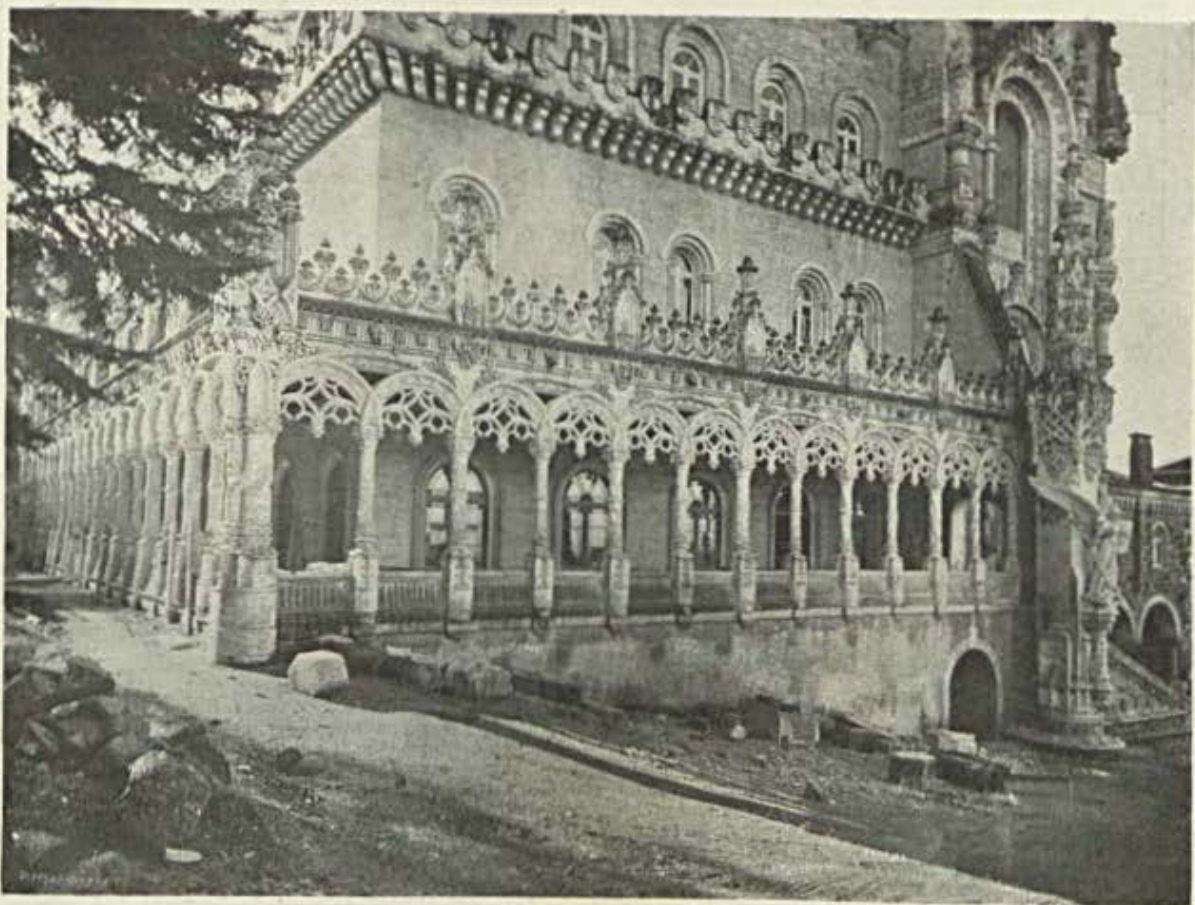
(Clichés de João Santos) Na Cruz Alta — Capitão Pina, major Waddington,  
major Sarsfield, tenente João Santos, capitão João d'Oliveira, alferes Marquez de Bellas,  
alferes D. Nuno Puraty





R. D. J. 50

Bussaco — A capella de S. Pedro



Bussaco — Galerias do novo hotel



Bussaco — Estrada do Luso

## O cirurgião do barco

(Conclusão)

Discordaram as opiniões. Ferrante diagnosticou-a um terrível mal que podia determinar a asphyxia. Gialluca, com os olhos desmesuradamente abertos, um pouco pallido, ouvia os prognosticos. O céu estava coberto de vapores, o mar permanecia sombrio, gaivotas aos bandos precipitavam-se para a costa n'um piar constante e triste; e uma especie de terror invadia a alma do marinheiro.

Por ultimo o mais novo dos Talamontes sentenciou:

— E' uma pustula maligna.

Os outros assentiram:

— Pode ser.

Com effeito, no dia immediato a pelle, ingurgitada de humores sanguineos, rebentou. E o mal tomou o aspecto d'um vespeiro, d'onde borbulhavam materias purulentas, em abundancia. A inflamação e a suppuração, cada vez mais profundas, estendiam-se rapidamente.

Aterrado, Gialluca invocou S. Roque, que sara as chagas. Prometteu dez, vinte arrateis de cera. E ajoelhava no meio da ponte, erguia para o ceo os braços, fazia os votos com um gesto solemne, nomeava o pae, a mãe, a mulher, os filhos. Em volta os companheiros faziam o signal da cruz, gravemente, a cada invocação.

Ferrante la Selvi, que via acercar-se um grande pé de vento, ordenou com voz rouca uma manobra por entre o fragor do mar. O lugre inclinou todo a um lado. Massacece, os Talamontes, Ciri correram á manobra. Nazareno subiu a um mastro. O panno foi n'um instante colhido: apenas conservaram duas velas á prôa. E o lugre, balouçando-se, começou vertiginosamente a correr sobre as ondas.

— S. Roque! S. Roque! gritava com mais fervor Gialluca,



Bussaco — Cascata da Fonte Fria

excitado também pelo tumulto que o rodeava, de joelhos e apoiando-se nas mãos para resistir ao balanço.

A breve trecho uma onda mais forte veio quebrar-se á prôa; a água salgada invadiu a ponte de um extremo ao outro.

— Vae lá para baixo! — gritou Ferrante a Gialluca.

Gialluca desceu ao porão. Molestava-o um calor atroz e uma aspereza febril por toda a pelle; o terror contraia-lhe o estomago. Em baixo, na tenue luz, as formas das cousas assumiam aspectos singulares. Ouvia-se o embate impetuoso das vagas contra os flancos do navio e o ranger de todo o cavername.

Passada meia hora Gialluca reapareceu na tolda, pallido como de morte. Preferia estar ali, ao ar livre, expôr-se ás ondas, ver os companheiros, aspirar o ar puro do mar.

Ferrante, surpreso d'aquella pallidez, perguntou-lhe:

— Que tens?

Os outros marinheiros, dos seus postos, puzeram-se a discutir

remédios, em altas vozes, gritando quasi, para superar o fragor da borrasca. E animavam-se. Cada um tinha o seu systema. Discorriam com segurança de doutores. Esqueciam o perigo no calor da discussão.

Massacece, dois annos antes, vira um medico authenticico operar a ilharga de Giovanni Margadona, n'um caso semelhante. O medico talhou e depois queimou a chaga com pedaços de madeira embebidos n'um liquido fumegante. Raspo com uma especie de colher a carne queimada que mais parecia pé de café. E Margadonna salvou-se.

— Tem de cortar-se! Tem de cortar-se! — repetia Massacece, exaltado quasi, como um cirurgião feroz.

E cortava o ar com a mão espalmada, voltado para o enfermo. Cirú foi do parecer de Massacece. Os dois Talamontes concordaram também. Ferrante la Selvi abanava a cabeça, com desconfiança.

Cirú então apresentou a proposta a Gialluca. Gialluca recusou.



Bussaco — Cedro gigantesco, Exemplar raro. Mede 6 metros de largura na base de 50 de alto.

O outro, n'um impeto brutal que não soube reprimir, gritou-lhe:

— Morres!

Gialluca fez-se ainda mais pallido e fitou nos companheiros os olhos esbogaçados de terror.

Vinha caindo a noite. Nas trevas que desciam dir-se-ia que o mar rugia mais forte. As ondas entreluziam ao perpassarem rapidas no espaço illuminado do pharol da prôa. A terra estava longe. Para resistir ás vagas os marinheiros agarravam-se aos cabos. Ferrente, ao leme, lançava de quando em quando um grito por entre o bramir da tempestade:

— Vae para baixo, Gialluca!

Gialluca, sentindo uma estranha repugnancia em estar só, negou-se a descer, embora o pungisse agora mais vivo o mal. E agarrava-se tambem a um cabo, cerrando os dentes com a dôr.

Ao galgar das ondas os marinheiros inclinavam as cabeças e lançavam todos a um tempo um grito, semelhante ao que na faina

deixam ouvir os carregadores ao incitarem-se para commum esforço.

A lua, irrompendo de uma nuvem, diminuiu o horror da tempestade. Mas o mar durante a noite manteve-se encapellado.

Gialluca, desalentado, disse de manhã aos companheiros:

— Cortem lá isso.

Os companheiros consultaram-se primeiro, gravemente, n'uma especie de conferencia ultima. Depois observaram o tumor, grande como punho de homem. As varias fistulas, que lhe davam primeiramente a apparencia de um vespeiro ou de um crivo, reuniam-se agora n'uma só.

Massacece exclamou:

— Coragem! Vamos a isso.

Tomara sobre si o encargo da operação. Experimentou na unha attentamente, a tempera das laminas. Escolheu por fim a do Tala monte mais velho, afiada de fresco. E repetiu:

— Vamos. Coragem!



Bussaco — O novo hotel

Fremiam quasi de impaciencia, elle e os outros.

O doente parecia agora tomado de prostração profunda. Fitos os olhos no aço reluzente da faca, sem articular palavra, semi aberta a bocca e os braços pendentes ao longo do corpo, como um idiota.

Cirú fel-o assentar e tirou-lhe a ligadura, torcida a bocca n'uma expressão de nojo. Todos se inclinaram para a chaga, observando-a, silenciosamente. Massacece disse:

— Assim, e assim, — e indicava com a ponta da faca a direcção do golpe.

Então, de repente, Gialluca poz-se a chorar, copiosamente; e o corpo todo lhe estremecia sacudido dos soluços.

— Coragem! Coragem! — repetiam-lhe os companheiros, retendo o pelos braços.

Massacece deu começo á operação. Ao primeiro contacto da folha bramiu Gialluca como fera ferida; depois, cerrados com ancia os dentes, apenas deixava ouvir uma especie de mugido longo e abafado.

Massacece cortava lentamente, mas com firmeza; a lingua pendente era n'elle signal de labutar attento e duro. Aos movimentos bruscos do barco o córte fazia-se sem regularidade; entrava umas vezes de mais a faca, entrava de menos outras. N'um balanço mais vivo penetrou fundo a lamina na carne sã. Gialluca rugiu de novo, debatendo-se, todo em sangue, como uma besta de açongue em mãos de magarefe. E não queria continuar a operação.

— Não, não, não!

— Anda cá, anda cá! — gritava a traz de elle Massacece, teimando em operal-o, receioso de uma interrupção que julgava perigosa.

Encapellado ainda, o mar fremia em torno sem descanso. Nuvens arremedando trombas marinhas emergiam do horisonte longinquo, abraçavam o ceu deserto de aves. Agora, no meio d'aquella confusão, sob aquella luz, uma excitação estranha apoderara-se de todos aquelles homens. Involuntariamente, irritavam-se na lucta para conter o enfermo.

— Espera!

Massacese fez ainda quatro ou cinco incisões, com presteza, ao acaso. Sangue de mistura com materias esbranquiçadas, borbulhava da ferida. Estavam todos manchados, com excepção de Nazareno que se acolhera, tremente, á prôa, pasmado d'aquella atrocidade.

Ferrante la Selvi, vendo que perigava o barco, ordenou com voz forte uma manobra:

— Caça essa escota! Orça!

Os dois Talamontes, Massacese, Cirú manobraram. O barco, a balouçar nas ondas, continuou correndo. Descortinava-se ao longe Lissa.

O sol, refugindo d'entre nuvens, vinha reflectir-se na agua em grandes manchas luminosas, que mudavam de forma segundo as alterações do ceu.

Ferrante permaneceu ao leme. Os outros marinheiros rodearam de novo Gialluca. Faltava ainda limpar a ferida, queimar a, applicar os fios. O enfermo, mergulhado agora n'uma prostração profunda, parecia ter perdido o sentimento das cousas. Punha nos companheiros o olhar amortecido, embaciado já como o de um animal quasi morto. E repetia a intervallos, como para si:

— Estou morto! Estou morto!

Cirú, com um pedaço de grosseira estopa, tentava limpar a chaga; mas tinha a mão pesada, irritava-a. Na preocupação de em tudo seguir o operador de Margadona, Massacese aguçava attentamente pedacinhos de pinho. Os dois Talamontes occupavam-se em derreter o pez com que tinham de queimar a ferida. Mas tornara-se impossivel accender o lume no convex que as ondas a breve trecho alagavam. Desceram para isso á camara.

Massacese gritou a Cirú:

— Lava com agua do mar.

Cirú seguiu o conselho. Gialluca consentia em tudo, com um continuo bater de dentes, n'uma lamentação constante. Inchára-lhe immenso o pescoço, todo vermelho, quasi roxo em alguns pontos. Em volta das incisões começavam a apparecer algumas manchas negras. O doente respirava, engolia penosamente; atormentava-o uma sede atroz.

— Encomenda-te a S. Roque — disse-lhe Massacese que acabára de aguçar os pedacinhos de madeira e esperava pelo pez.

Acossado pelo vento, o lugre abatia agora para o norte, no caminho de Sebenico, perdendo de vista a ilha. Mas comquanto o mar estivesse ainda grosso, o vento começara a amainar. No ceu, o sol brilhava por entre nuvens côr de ferrugem.

Os dois Talamontes trouxeram a ferver n'um tacho o pez derretido.

Gialluca ajoelhou-se para renovar o voto ao santo. Fizeram todos o signal da cruz.

— O' S. Roque, salva-me! Terás lampada de prata e azeite para todo o anno e trinta arrateis de cera. O' S. Roque, salva-me! Tenho mulher e filhos... Piedade! Misericordia, meu santo querido!

Gialluca erguia para o ceu as mãos juntas; e, na agonia, a voz tomára um timbre anormal, estranho. Feita a promessa, sentou-se de novo, dizendo simplesmente a Massacese:

— Queima.

Massacese vestiu de estopa os pedacinhos de madeira; e em a um ia-os mergulhando no pez fervente e esfregando com elles toda a extensão da chaga. Para tornar mais profunda e efficaz a cauterização deitou por fim na ferida o fumegante liquido. Gialluca nem um lamento sequer deixou ouvir. Os outros, ante aquelle supplicio, sentiam vivos calafrios de horror.

Ferrante la Selvi, do seu posto, disse abanando a cabeça:

— Vocês mataram o.

Os marinheiros desceram á camara Gialluca semi-morto e deitaram-n'o n'uma maca. Nazareno permaneceu de guarda junto do doente. Ouviam-se, em cima, a voz guttural de Ferrante dispondo a manobra e os passos precipitados dos marinheiros. O *Trinitá*, rangendo todo, mudava de rumo. De repente Nazareno apercebeu aberta no costado uma fenda por onde a agua entrava. Chamou. Os marinheiros desceram, precipitadamente. Gritavam todos a um tempo, procuravam com ancia reparar o estrago. Dir-se-ia que o barco se afundava.

Ainda que prostrado de forças e de espirito, Gialluca, julgando que iam a pique, ergueu-se com impeto na cama; e agarrou se desesperadamente a um dos Talamontes. Supplicava, como uma mulher:

— Não me abandonem! Não me abandonem!

Acalmaram-n'o; fizeram-n'o outra vez deitar-se. Sentia agora um medo atroz; balbuciava palavras sem nexo; chorava; não queria morrer. Estrangulava-o a inflammação crescente, que lhe tomava já o pescoço todo e a nuca, e começava a estender-se pelo tronco lentamente; e a inchação tornara-se mais monstruosa ainda. A curtos intervallos escancarava a boca, sequiosa de ar.

— Levem-me para cima! Falta-me o ar; vou morrer aqui...

Ferrante chamou os homens. O lugre, bordejando, procurava re-tomar o rumo. A manobra tornava-se difficil. Ferrante, do leme, perscrutando o vento, dava as ordens convenientes. Vinha caindo a noite; e as ondas começavam a amansar.

Passado um instante, Nazareno, todo esbaforido, appareceu no convex gritando:

— Gialluca está a morrer! Gialluca está a morrer!

Os marinheiros correram todos; e encontraram sobre a cama, já morto, o companheiro, todo contraído, esbaldados os olhos, o rosto entumecido como o d'um enforcado.

Talamonte mais velho perguntou:

— Está morto?

Os outros, pasmados, contemplavam o cadaver e nada diziam. Voltaram á ponte, em silencio. Apenas Talamonte repetia ainda:

— Está morto?

O dia abandonava lentamente as aguas. O vento caia em doce calma. As velas pendiam ao longo dos mastros. A ilha de Solta apparecia ao longe.

Reunidos á popa, os marinheiros discorriam sobre o caso. Uma viva inquietação apoderára-se de todos aquelles espiritos: Massacese estava pallido e pensativo. Por fim obsecurou:

— São capazes de dizer que nós o matámos. Mettemo-nos em bôa.

O mesmo receio atormentava já a alma de todos aquelles homens, supersticiosos e desconfiados. Responderam:

— Tens razão.

Massacese continuou:

— E agora?

O mais velho dos Talamontes disse, simplesmente:

— Está morto? E' deital-o ao mar. Diremos depois que o perdemos durante a tempestade... E' o melhor.

Os outros assentiram Chamaram Nazareno.

— Eh! Tu... mudo como um peixe

E, com um gesto ameaçador, sellaram-lhe o segredo na alma. Desceram depois a buscar o cadaver. A carne do pescoço, já em decomposição, exhalava um cheiro nauseabundo; a cada repello borbullavam da ferida aberta substancias purulentas.

Massacese lembrou:

— Mette-se n'um sacco.

Buscaram um; mas apenas n'elle cabia metade do cadaver. Ataram-lh'o nos joelhos, deixando de fóra as pernas. Olhavam em roda, instinctivamente, durante a funebre operação.

Nem uma só vela se avistava; o mar, passada a borrasca, man-tinha-se n'uma ondulação larga e lenta; a ilha de Solta apparecia toda azul na linha do horizonte.

Massacese accrescentou:

— Ata-se-lhe uma pedra.

Tomaram uma do lastro, e ligaram-n'a aos pés de Gialluca.

— Vamos a isto! — disse Massacese.

Levantaram o cadaver á altura da amurada e deixaram n'o cair no mar; o corpo desceu primeiramente, n'uma oscillação lenta; depois desapareceu.

Os marinheiros voltaram para a popa, e esperaram o vento. Fumavam em silencio. Massacese levantava de quando em quando a mão n'um gesto inconsciente de homem preocupado.

O vento começava a soprar. As velas palpitaram um momento e enfumaram de todo á viração. O *Trinitá* navegou na direcção de Solta. Depois de duas horas de rota batida, entrou no estreito.

A lua espalhava nas margens uma clari lide doce. O mar tinha quasi a suave quietação d'um lago. Do porto de Spalatro saiam dois barcos ao encontro do *Trinitá*.

Cantava em ambos a alegre marinagem.

Ao ouvir as canções Cirú exclamou:

— Olha: São de Pescara!

Ferrante, afirmando se nas imagens e numeros das velas, disse:

— São os lugres de Raimundo Callare.

E chamou.

Os patricios marinheiros responderam n'um grande clamor. Um dos navios ia carregado de figos passados; o outro de jumentos de um anno.

Quando o segundo dos barcos passou a dez metros do *Trinitá*, trocaram-se diversas saudações. Uma voz gritou:

— O' Giallu? Aonde está Gialluche?

Massacese respondeu:

— Perdemol-o no mar durante o temporal. Previnam vocês a mãe.

De bordo do barco carregado de jumentos partiram então diversas exclamações; depois as mutuas despedidas:

— Adeus! Adeus! A Pescara! A Pescara!

E afastando-se, os marinheiros continuaram nas suas cantigas á claridade serena do luar.

Trad. Luiz Ferreira de Castro

GABRIEL D'ANNUNZIO.

## Santa Cecilia

N'um rio virginal de aguas claras e mansas,  
Pequenino baixel, a santa vai boiando,  
Dilue se, pouco a pouco, o oiro das suas tranças  
E vai timidamente as aguas aloirando.

Circunda-a um resplendor luzente de esperanças,  
Unge-lhe a fronte o luar sereno, unctuoso e brando,  
E com a graça etherea e meiga das creanças  
Santa Cecilia vai boiando, vai boiando...

Os cravos e os jasmims abrem-se á luz da lua,  
E ao verem-na passar, phantastica barquinha,  
Murmuram entre si: — «E' um marmor' que fluctua.»

Ella entra enfim no oceano... E escuta se ao luar  
A mãe do pescador, resando a ladainha  
Pelos que andam, Senhor! sobre as aguas do mar...

ANTONIO NOBRE.

# O conego Alves Mendes

O conego Alves Mendes estava desde muito sagrado orador pelo assenso publico em grande parte, na maior talvez, da terra portugueza. Estimava-o e applaudia-o o Porto, cujos templos em mais de uma occasião solemne lhe ouviram a palavra veemente e sonora tanta vez como clarim de batalha e, com o Porto, Lisboa, onde de longe em longe vinha, por lisongeira envite, celebrar a memoria ou lastimar o passamento de pessoas claras, por virtudes, talentos ou serviços.

Este orador, porém, tão opulento e forte que só em sua propria opulencia e força deixaria presentir a frincha quasi unica por onde



puddera esvaír-se um pouco do muito applauso que lhe grangeavam seus prezaveis dotes, não era simplesmente um orador opulento e forte, era também um escriptor genuino e destro.

Tão raro se dá a coincidência das duas vocações affirmadas vivamente, que passou quasi em julgado nos supremos tribunaes da justiça litteraria, que não consegue assignalar-se na falada quem logra singularisar-se na palavra escripta. E todavia a antiguidade romana offerece, a desmentir altivamente o arresto, Cicero que, supremo, depois do orador que a Hellade e com ella o mundo inteiro averbou de unico, no registo total dos summos oradores, se inscreve sem opposição no rol dos escriptores maximos. E nossa patria que, tanta vez e em tanta coisa, pleiteia justamente primazias a quem com mais razão se ufana d'ellas, póde com justo orgulho nomear, quasi a par de Cicero, Vieira, "o padre grande, consagrado tal pelo instincto e gratidão dos selvagens do novo mundo, que seu zelo e palavra prodigiosa, como o espirito e o coração de que brotava, trazia ao gremio da cultura e da fé. E a posteridade não desdenhou rubricar deferente a decisão dos pobres indios.

Seja, porém, como fór, é certo que o auctor da *Patria*, embora naturalmente em menos dilatado ambito, contradiz com viveza o mesmo asserto, que o é e indubitavel, quando se não affirme por modo absoluto, insoffrido de possivel, embora só rarissima, excepção. O conego Alves Mendes foi tão notavel orador quanto escriptor notavel, se n'esta ultima qualidade se não mostra ainda mais credor de applausos.

Sob ambos os aspectos o conceituo e louvo. Como escriptor, porém, devo dizel o, apenas o conheço por *Os meus plagios*. Breve mas eloquente apologia de outro escripto seu. Da arguição que contra este foi com vigor desembastada, e da obra que originou a arguição, de que o escriptor, objecto d'ella, tão rijamente se defende n'este, nada procurei nem quiz jámais saber. Conheço a apologia e bastame. Não se escrevem algumas das paginas que a compõem sem se ter na penna que as traçou arma prompta e amiga, temperada e forte. A ignorancia cabal em que intencionalmente me quiz e tive sempre, me quero e tenho ainda n'este momento, no momento em que me proponho apreciar, com os predicados que distinguiram o artista, as qualidades que lhe lustram a obra, tal ignorancia, que outros entenderão por certo compartir comigo, é testemunho, e não minimo, em abono das prendas e conceitos do escriptor que julgo.

Não importa contestar a justiça do libello articulado. Deixe-se indeciso o litigio, de que não cuidam amigos ou inimigos ao percorrerem em leitura seguida e avida as asperrimas paginas de *Os meus plagios*. Extinguem os merecimentos d'ellas os do pleito. Reconhece se talvez, muito nas boas horas, a justiça que a brados reclama a accusação. Mas uma voz intima contesta, em tom que não supporta duvida, que a penna impetuosa, veemente, excessiva, de mais até, se querem, mas destra e firme como poucas, que tra-

çou taes paginas, podera ter traçado as que lhe negam, se o quizesse. Perpetraria o arguido o mau feito que se lhe arguiu, mas não o perpetrou por falta de energia, de pericia e firmeza no dizer. E desde que nosso espirito se persuade d'isto, e persuade-se depressa, pouco se dá dos meritos e alcance do litigio. O escriptor, cuja existencia parecia contestar-se, exsurge inteiro a nossos olhos, vivo e de pé. Tem por si a victoria e nosso applauso.

Dos discursos do orador conheço varios, quantos se publicaram, creio. Todos estimo, e, mais do que os outros, cinco. Os que assim sem esforço aos mais se sobrepõem, são: o que tem por assumpto Christo e por thema feliz *Dilexit*; o que devia ser pronunciado por occasião de inaugurar-se o monumento elevado á memoria augusta dos Restauradores e se appellida *Patria*; o que tem por epigraphe *Pulchra est luna* e se proferiu, em honra da Virgem, em celebridade de seu culto, e os elogios funebres da sr.<sup>a</sup> D. Margarida Reivas e do sr. Ferreira Calado. Não sómente as bellezas de que se esmaltam, por mais numerosas e maiores, mas ainda os senões, por menos accusados e frequentes, abonam de seguro este juizo. Sim, senões, porque os tem. E recordo-os porque só é licito omittil os, n'um juizo embora posthumo quando não exprimam, quanto o fazem muitas vezes preditados, feição ou geito peculiar do espirito julgado. Omittil senões característicos é negar uma parte do artista em que se dão. Ora tem senões este orador. Mas só peccava o conego Alves Mendes, como peccam os fortes, por excesso. N'elle a singular energia do conceito, a não vulgar valentia da expressão degenerou alguma vez em emphase, e a efficaz preocupação de se exprimir com viveza, propriedade e abundancia particulares, descae não raro no abuso de neologismos que nem sempre reputo para applauso. Os assumptos, porém, que versam as tres primeiras orações citadas, transcendendo naturalmente na grandeza a media, embora alta, dos que a palavra trata de ordinario, capeiam com a propria grandeza as demasias praticadas, quando não é a copia e a elevação dos conceitos, os quaes para seu espirito fecundo promanvam d'uma these superior, que vem apagar senões de outra sorte e n'outro assumpto com mais alto relevo denunciados.

Nos dois ultimos discursos que apontel existe o mesmo apreciado effeito. Mas nestes a força moderadora é outra, embora não menos sensível e segura. Não se trata, é certo, já de problemas altissimos; mas de themas suaves e modestos que vem aos labios do coração viva ou suavemente commovido. E o orador, ao conselho e calor do coração, para estreitamente se adaptar ao thema eleito, deixou que este fallasse sob seu proprio influxo soberano e unico. O esforço não excogitar da idéa ou na procura da expressão — que o affecto é como o coração donde provém desartificio e simples — desapparece quasi de todo e com elle e n'elle o neologismo pretencioso e impertinente, sem desproveito do feitor e com vantagem clara da feitura.

Póde-se, pois, asseverar que no conego Alves Mendes, a par d'um polemista, quando menos, abundante, vigoroso, original, era licito estimar um orador de altos conceitos, de sentir seguro, de rica phantasia e expressão castiça e viva.

Intendera a Academia elege-lo seu correspondente Circumstancias de todo ponto alheias aos merecimentos e prendas de tão plausivel candidato a affastaram d'esse intuito. Dera-lhe eu com presteza e com prazer meu voto. Mas, se lá me não talhou se enseo de lh'o dar, dou aqui com prazer e presteza igual o meu applauso ao esforço, sempre serio e tantas vezes efficaz, de exprimir gentis imagens, nobres conceitos e altos sentimentos em phrase genuinamente bella por genuinamente portugueza. Viva e fulja a sua memoria na alma dos que tem o alto condão de applaudir e admirar o que merece admiração e applauso. O esquecimento gelido a nada e a ninguém poupa. Sinto-o que desce vagarosa mas seguramente trazendo nas mãos rigidias as sombras e silencias com que em breve entrará a memoria luzente de seu nome.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

## DEUS

Of Har'n, and from eternal splendours flung,  
For his revolt...

Mu. xv.

Deus existe? — Ou é Deus somente um nome vão?...  
E bato ás portas d'ouro e de opala da aurora,  
Donde o sol — velho leão — noite e estrellas devora;  
E ás estrellas da noite em louco turbilhão...

Ao mar, ao vento, ao raio, ao tempo, ao abysmo em fóra,  
Ao argueiro, e á montanha, ás lavas, e ao vulcão,  
Ao passado, ao porvir, ao berço, á cova... Embora!...  
Cala-se a natureza, e me responde: **não**.

Subo á minha alma então: chamo-a, interrogo-a... Nada.  
E ella fica a oscillar, no abysmo pendurada,  
Vendo o espaço afundar-se n'um espaço sem fim...

Só entre o torvelim dos chaos em labyrintho,  
Como com seu bordão na arcaia um cego, — o instincto  
Sobre a poeira dos sóes grava um tremulo **sim**.

LUIZ DELFINO.

# “Brazas”

Com todas as suas ingenuidades e todas as suas imperfeições, este livro de versos do moço poeta sr. Duarte Lima encanta pela sinceridade, pelo temperamento esthetico que revela e pela originalidade vibrante d'algumas composições em que fulge um sentimento e fortemente estremece uma emoção. O seu auctor é, primeiro do que tudo, um bello colorista, com uma justa noção dos tons e dos valores; e as paisagens que nervosamente esboça a largos traços, surpreendem desde logo pela fluidez das tintas e pela realidade da fixação graphica. Houve um tempo, em que o lirismo portuguez, enlevado nos supremos extasis da adoração de Laura — a eterna Laura d'olhos negros,



Duarte Lima  
Auctor das Brazas

que nas noites de luar assomava ao balcão, deixando cabir das brancas mãos esguias ao pó das estradas as flôres romanticas que os bardos levantam tremulos d'amor — só cantava as noites constelladas, os ceus d'uma doçura infinita onde a lua melancolica ascendia, os rouxinoes que cantavam ao luar pelas balsas floridas, os regatos de crystallinas aguas que iam murmurando e fugindo por entre vergeis de rosas, as illusões que tristemente morriam como folhas amarelladas que o outomno murcha nas arvores doentes, as vagas esperanças que nunca se alcançavam. E quando descia os olhos rasos de lagrimas d'estas nascentes idealisações, a Musa lusitana nada via á sua volta de todas as forças, de todas as torrentes, de todos os tumultos que no vasto mundo se entrechoçavam e das aspirações que mais perturbavam o grande sonho de libertação da humanidade. Para essa Musa languida e comida de vicio, sempre á procura de epidermes frescas e de seios virginaes para rimar os seus poemas, nada mais existia do que a pallidez das Elisas hystericas, os cabellos loiros das Fernandas que suspiravam ás estrellas, sentiam fundos deliquios, desejavam morrer e tocavam ao piano a *Walsa do beijo*. Nos estreitos limites do universo em que a sua voz exangue resoava, ella nada mais ambicionava do que os goivos funebres sobre a terra negra do sepulchro ou um casto beijo trocado á sombra d'arvoredos. Ora, o grande ideal de perfeição superior que impelle constantemente as almas dignas da vida para os altos cimos, cançou-se d'escutar esse perpetuo soluço chorando os amores mallogrados, ou esse madri-gal candido que calçava de rosas immaculadas o pequenino pé das deusas. Os destinos da poesia na epopeia humana foram, atravez dos seculos immemoriaes, muito diversos. Na antiguidade classica, emquanto a estatuaria eternisava o homem exterior, essa poesia definia claramente o homem interior. Mais tarde, coroada de loiros viridentes, nimbada do fogo rutilante das batalhas, erguia o seu hymno triumphal aos heroes e projectava nas densas sombras dos tempos, como uma luz d'expiendor divino, as patrias victoriosas. De noite, sobre os tombadilhos varridos de ventos asperos e de marezias salgadas, gravava as paginas fulgurantes da historia em marmores resplandecentes ou em bronzes indestructiveis. Na Hespanha, era a poesia que pelo braço dos tróes, entrava nos castellos feudaes levando ao fulgor das opulencias fabulosas um eco angustiado da miseria popular, e em toda a Peninsula ella triumphou singularmente, como uma apparição maravilhosa, coroada d'astros e irradiante de claridade. N'essas épocas remotas, o seu sentimento era épico; mesmo nos serenos idyllios liricos dardejava um clarão de grandezza relumbrante. Depois o seu olhar deixou d'abranger o mundo, para se demorar sobre todos os casos futeis de namoro ou sobre todas as desgraças d'un amor sempre

incompreendido. Essa tendencia em Portugal foi lastimavel. Quando os povos florescentes e audaciosos avançavam, o nosso esqueceu-se a ouvir-lhe os languidos queixumes; e a reacção só muito tarde chegou.

O volume, com que se apresentou nas lettras do seu paiz o sr. Duarte Lima, destaca-se precisamente pela belleza da sua arte tão sobria e refrigente de tanta claridade e ainda pela sua inspiração. Revela um temperamento de forte, que ama a larga natureza impetuosa e florescente, regorgitante de seivas, poderosa de fecundidades onde as raizes sugam a essencia das vidas novas que mais tarde se desentranham no turbilhão vertiginoso das formas aladas, as paysagens amplamente illuminadas e verdes, resplandecendo sob ceus azues e calmos, em atmosferas d'ouro, e onde passa murmurando a sonora voz dos ventos e onde corre cantando o lirico som das aguas. Por enquanto, o moço poeta que tão notavelmente se apresentou, não adquiriu toda a sua autonomia litteraria. As suas composições mais bellas resentem-se ainda do modelo que foi a sua fonte inspiradora. Cesario Verde exerceu uma impressão profunda no temperamento do poeta, que não conseguiu libertar-se por completo das suas reminiscencias antigas. Mas este volume é uma flagrante affirmação do seu talento, denotando uma finura esthetica nada vulgar, uma sagaz observação das coisas e uma comprehensão exacta e arguta dos efeitos harmonicos das tintas transparentes com que pinta as suas tão impressivas telas e, sobretudo emoção, que é o dom mais alto dos artistas. A poesia apenas vive pelo sentimento, que é a sua expressão mais elevada. Todas as theorias esquecem nas pezadas sombras que lentamente as vão envolvendo e todas as formulas se eniquilam como um pó que a aragem dispersa. O que hoje é a verdade, volve-se amanhã em duvida. A emoção é eterna, perpetua tudo o que toca com o seu fogo sagrado. A sagacidade, a subtilidade, a fluidez de côres com que o sr. Duarte Lima fixa os seus quadros excellentes, não lhe absorve totalmente a faculdade esplendida de sentir. Os scenarios reaes da terra deslumbram-n'o, mas a sua alma vibra n'esse deslumbramento. E certamente que o sr. Duarte Lima nos ha-de dar mais tarde, com trabalho e estudo, livros magnificos. A obra com que faz a sua iniciação é mais do que uma esperança, uma affirmação nitida.

JOÃO GRAVE

O deserto attrae o nomada; o Oceano o marinheiro; o infinito o poeta.

PADRE JOSEPH ROUX.

E' necessario não pensar que, por se ser ministro, se é mais sensato e mais esperto que os outros.

BISMARCK.

As leis fazem-se na Camara; mas os ministros nos corredores.

EDM. GONDINET.

A alma da liberdade é o amor pela lei.

KLOPSTOCK.



Conselheiro Luiz de Bivar Gomes da Costa

† 9.9.904

Está de luto o partido regenerador pela perda de um dos seus mais antigos alliados. O conselheiro Luiz de Bivar era algarvio e contava hoje mais de 80 annos. Começou a sua vida parlamentar em 1865. Foi nomeado presidente da camara dos deputados em 1882 — membro da camara alta em 1885 — par do reino vitalicio em 1890 — presidente da camara dos pares em 1894, e em 1902 membro do conselho de estado, e em 1903 grã-cruz da Torre e Espada.